

Jorge de Lima – Caminhos da minha terra

Caminhos inventados por quem não tem pressa
de ir-se embora.

Pelos que vão à escola.

Pelos que vão à vila trabalhar.

Pelos que vão ao eito.

Pelos que deixam a terra como eu deixei um dia...

Pelos que levam quem se despede da vida que é tão bela...

À minha terra ninguém chega: ela é tão pobre...

Dizem que tem bons ares para os tísicos –

mas os tísicos não vão lá: é tão difícil de ir-se lá...

Caminhos de minha terra onde perdi
os olhos e os passos da meditação...

Caminhos em que ceguinhos e aleijados podem
ir sem olhos e sem pernas: eles não atropelam
os pobrezinhos.

Alguém quer partir e eles dizem:

– não vás: toma lá uma goiaba madura,
uma pitanga, uma ingá e dão como

as mãos dos missionários que dão tudo,

cajus, pitombas, araçás a todos os meninos do lugar.

Caminhos que ainda têm orvalhos e sonâmbulos bacuraus,
e têm ninhos suspensos nas ramadas.

Ali perto, na Curva do Encantado

onde mataram de emboscada um cangaceiro,

há uma cruz de pitombeira...

Quem passa joga uma pedra,

reza baixinho: Padre nosso que estais no céu

santificado seja o vosso nome

venha a nós...

Aquela cruz do cangaceiro é milagrosa,

já me curou dum puxado que
eu peguei na escola da professora –
minha tia Bárbara de Olivedo Cunha Lima –

Mundaú! – soube depois
que quer dizer rio torto.
Quem te inventou Mundaú, das minhas lavadeiras
seminuas,
dos meus pescadores de traíras? –
Mundaú! – rio torto – caminho de curvas,
por onde eu vim para a cidade
onde ninguém sabe o que é caminho.

Jorge de Lima, Melhores Poemas